



CULTURA PROFISSIONAL

A TRANSFORMAÇÃO DA CAVALARIA E O ESPÍRITO CAVALARIANO

Cel. AROLD RAMOS DE CASTRO,
diplomado pela ESG — Subcmt. da AMAN

(Tradução comentada do artigo do Gen. JÚLIO
GARCIA FERNANDEZ, publicado na Re-
vista "Ejército")

A Revista "Ejército", órgão oficial do "Ministério Del Ejército" da república espanhola, publicou em seu n. 192, de janeiro do corrente ano um interessantíssimo artigo do General de Brigada Júlio Garcia Fernandez, sob o título "A Transformação da Cavalaria e o Espírito Cavalariano".

Julgamos de grande oportunidade a tradução do mencionado artigo, e, com a finalidade de bem adaptá-lo às condições particulares do caso brasileiro, com a devida permissão do seu autor, faremos comentários ao término de cada título do supra-mencionado artigo.

I — PERMANÊNCIA DAS MISSÕES DA CAVALARIA

A) Tradução

Ao contemplar a evolução sofrida pela Cavalaria, grande número de estudiosos do assunto limita especi-

almente suas observações ao fato da grande transformação sofrida pela Arma na sua organização, embora sem uma segura convicção de que permanecem inalteráveis as missões que de há muito lhe estão afetas. Todavia, a persistência das missões não implica em dizer que a execução das mesmas se processe da maneira idêntica que antes da mencionada evolução.

Exatamente assim indicam os nossos regulamentos quando dizem: "Estas missões não sofreram modificações; porém, o conceito de velocidade, potência de fogo, amplitude e profundidade das operações que a guerra moderna impõe, fizeram com que a Cavalaria utilizasse elementos de combate mais velozes e de maior potência de fogo".

As missões que continuam em permanência através dos séculos são, como é conhecido, as seguintes:

— descobrir ou explorar;

- cobrir ou proporcionar segurança ;
- combater, com as suas modalidades ;
- explorar o êxito e perseguir ;
- retardar a progressão do inimigo e proteger a retirada das próprias forças.

Assim, as referidas missões exigem as mesmas qualidades e o mesmo espírito, razão pela qual temos insistido reiteradamente neste trabalho, na conveniência e na necessidade de que sejam cultivadas essas características e êsse espírito tradicional da Cavalaria, se, na verdade, se deseja que as missões possam chegar a ser cumpridas de forma apropriada.

Como se sabe, essas características da Cavalaria são : velocidade, mobilidade, flexibilidade e fluidez. Tôdas elas lhe permitem atuar em amplos espaços, tanto frontais como profundos, para o que, na maioria das vezes, o deve fazer com independência e grande iniciativa e os seus Comandos, desde os escalões inferiores, necessitam ser dotados de grande firmeza, resolução, valor e rapidez.

O que foi dito se evidencia mais claramente nas missões ofensivas. Assim, por exemplo, na exploração do êxito necessita possuir grande combatividade e audácia para lançar-se na desorganização da retaguarda inimiga, rapidez nas decisões e nos movimentos, grande aptidão para mover-se em terrenos desconhecidos, tudo, aliado a uma grande resistência física, visão e personalidade.

Se passamos do campo ofensivo ao defensivo, defrontamo-nos com os mesmos aspectos, dado que, na defensiva, campeia um espírito ofensivo muito elevado, unido à necessidade vital de uma ação de sacrifício em prol da proteção de um elevado contingente de forças amigas, ou, dos seus próprios elementos.

No cumprimento de tôdas as suas missões a variação da situação a cada momento é substancial. É a Cavalaria a Arma na qual se considera que o *imprevisto ocorre sempre e, para a qual, menos valem as situações tipo*. Já para as outras

Armas as fases e as situações um pouco fluídas são as mais difíceis de apresentar e resolver, pelo que são postergadas até mesmo no terreno didático. Cumpre considerar, entretanto, que essas situações são as normais para a Cavalaria.

Do que foi dito, concluímos bem claramente que as missões de Cavalaria permanecem inalteradas ; que a Arma não é igualmente apropriada para tôdas as missões de combate e que a sua maior utilidade é precisamente quando as suas congêneres, com especialidade a Infantaria, se defrontam com um maior número de dificuldades e, por último, que a nobre Arma exige características próprias que é necessário criar e manter.

B) Comentários

Realmente, o General Júlio Garcia Fernandez, com argumentos sólidos, ressaltou que as missões atribuídas à Cavalaria, desde tempos remotos, ainda permanecem integrais, apesar da crescente evolução técnica sofrida pela guerra contemporânea.

Todavia, para o caso particular brasileiro, as modificações materiais introduzidas na Cavalaria, a fim de melhor adaptá-la às contingências da guerra moderna, não foram de molde a banir de maneira decisiva o seu tradicional meio de transporte e de combate : o cavalo.

Assim é que, a atual organização das unidades de Cavalaria do Exército brasileiro comporta a utilização de meios motorizados, motomecanizados e hipomóveis. Essa gama de meios materiais é, logicamente, uma decorrência das contingências geográficas, industriais e econômicas que exercem poderosa influência no que concerne à organização das nossas forças terrestres.

Abolir, por exemplo, o cavalo da organização da Cavalaria brasileira seria, sem dúvida, algo de precipitado e contraproducente, uma vez que possuímos regiões do nosso território, nas quais, os meios hipomóveis são, ainda, os únicos capazes de assegurar um movimento *rápido, duradouro, flexível e preciso*.

Por outro lado, no desenvolvimento das operações militares impõe-se não lançar os meios *hipomóveis* da Cavalaria nos *Teatros principais* de operações, nos quais, o adversário concentrará fatalmente, poderosos elementos blindados e motorizados, mercê evidentemente das facilidades topográficas para o emprego de tais meios. Todavia, bem sabemos que sempre existirão *Teatros secundários* necessitando de serem convenientemente equipados e, nos quais, o *Curso das Operações* pode apresentar situações decisivas para o conjunto das mesmas. A Cavalaria hipomóvel é, logicamente, uma Arma altamente credenciada para operar em tais *Teatros* nos quais poderá dar pleno desenvolvimento à sua aptidão para a manobra.

Quanto ao que se relaciona à formação do espírito do cavalarião, justo é considerar que o Gen. Júlio Garcia Fernandez, com muito acerto e objetividades, salienta a necessidade de ser o mesmo formado e desenvolvido com especial carinho, pois, só assim será possível formar um binômio. Quadros-Tropa dotado de marcantes qualidades Morais e Físicas que bem se adaptem às delicadas e difíceis missões atribuídas à Cavalaria. Não queremos dizer com isso que o cavalarião seja um combatente especial, dotado de qualidades superiores aos integrantes das outras Armas e, sim, que ele necessita possuir um alto grau de *Adestramento, Iniciativa, Rapidez de decisão* e, sobretudo, um acentuado espírito de *Secrifício*.

II — A TRANSFORMAÇÃO DA CAVALARIA

A) *Tradução*

Havia anos que o aumento da potência de fogo dos Exércitos mostrara a necessidade de transformar a Cavalaria. Esta transformação se desenvolveu depois da I Guerra Mundial e se tornou fato decisivo depois da II Guerra Mundial com o emprego de unidades mecanizadas. A Polônia foi o teatro do último emprego de grandes contingentes de Cavalaria hipomóvel.

Tal transformação se chocava com vários séculos de tradição, relativamente ao emprego do elemento que lhe havia dado o nome. A razão de ser das Armas são as missões que lhes incumbem e não os meios com os quais elas as cumprem. Assim, a Artilharia continua sendo constituída por unidades de lança-foguetes e a Cavalaria pelos atuais *Dragões*.

Em todos os exércitos tal transição se tem realizado com uma certa lentidão. No período de transição todos os países têm tido um período de unidades mistas — de que tem participado o restante das Armas — e nas quais surgiu o chamado “coquetel alfa-gasolina” e que terminou com a criação das unidades dos dois tipos, contudo, sem haver mescla entre elas.

Tal transformação, sumamente interessante, não tem sido suficientemente conhecida nem divulgada, tanto entre nós como entre outros Exércitos.

Hoje se vê a tendência natural de converter tôdas as unidades de Cavalaria hipomóvel em Cavalaria mecanizada. E, como tendência apresentada por alguns, está a de algumas unidades serem dotadas de helicópteros, com o que ganharão, sem dúvida, em velocidade e flexibilidade para determinadas ações e ajudará positivamente o trabalho dos reconhecimentos. Tais unidades seriam independentes das que a Aviação emprega em cooperação com a Cavalaria em missões de informação ou operativas, com o objetivo de melhor contribuir para que possam elas cumprir o que lhes foi cometido de forma mais eficaz.

Os progressos das diversas armas contracarros, a partir da II Guerra Mundial, na secular luta contra a couraça, fez com que a proteção das unidades blindadas fôsse procurada, já em ótimas condições, independentes da própria blindagem. Os elementos mecanizados e os carros pouco velozes, ou que ofereçam muito alvo, já passaram à História. Tiveram sua fugaz oportunidade; porém, hoje em dia, podem considerar-se quase desterrados dos campos de batalha.

As unidades encouraçadas, em muito maior grau de que as de Cavalaria, devem buscar sua invulnerabilidade na velocidade, na mobilidade e no pequeno alvo que possam oferecer, mais do que na couraça de que possam estar dotados.

Esta transformação tem feito, mais do que nunca, com que a Cavalaria seja uma Arma cara, conquanto, não tanto, como muitas outras de que estão dotados os Exércitos, embora a verdade seja a de nenhuma idêntica a ela admitir uma inversão tão segura em face do justo emprêgo que lhe fôr atribuído.

B) *Comentários*.

No início da tradução do presente capítulo, cumpre considerar que as considerações feitas pelo Gen. Fernandez acêrca do emprêgo da Cavalaria hipomóvel no teatro de operações da Polônia no decurso da última Grande Guerra não consistiu, como disse o referido General, o último campo de ação militar da Cavalaria tradicional, isto é, usando o cavalo como meio de *Transporte* e de *Combate*.

Na Rússia, por ocasião da sua invasão pelas poderosas "Panzer" alemãs, os russos souberam brilhantemente tirar partido da sua Cavalaria hipomóvel e com ela enfrentaram, vitoriosamente, as forças mecanizadas alemãs, imobilizadas nas geladas estepes do país. O alto comando russo, dando um extraordinário exemplo de adaptação dos meios de combate às particulares condições geográficas e climáticas de momento, empregou com absoluto sucesso vultosas forças de Cavalaria hipomóvel e conseguiu brilhantes resultados.

O que se passou, pois, no teatro de operações da Europa oriental é, indiscutivelmente, um precioso ensinamento para aqueles que têm o encargo de planejar possíveis operações no continente sul-americano, fazendo logicamente a abstração das fortes nevasdas, mas, considerando a precariedade das comunicações, agravada ainda mais, nas épocas das grandes precipitações pluviométricas.

Assim, achamos perfeitamente justa a organização mista que foi dada às nossas Grandes Unidades de Cavalaria e, sobretudo, a predominância numérica dos efetivos hipomóveis.

III — O ESPÍRITO CAVALARIANO

A) *Tradução*

Para alguns já não parece apropriado esta designação para assinalar o espírito que tradicionalmente tem animado e, o que é mais importante, deve animar a Cavalaria. Cremos que nenhuma expressão se aproxima mais da que se quer traduzir. Agora se a vem substituindo pela do "Espírito da Cavalaria", que embora correta, por sua maior amplitude, não o expressa de u'a maneira tão clara. Essa é a razão pela qual nossos próprios regulamentos empregam ambas expressões indistintamente.

Porém, o que significa *Espírito da Cavalaria* ou *Espírito Cavalariano* não se pode desconhecer nem mesmo confundir-se com o Espírito da Arma, pois, este último conserva sempre um certo matiz dissociador que se torna cada vez mais enraizado. A equivalência entre o *Espírito do Cavalariano* e o *Espírito da Arma* só a pode encontrar aqueles que não se tenham aproximado da Cavalaria, embora, mesmo, no terreno teórico. Tanto é assim que alguns chefes no comando de unidades de Armas diferentes da Cavalaria têm sabido dar às mesmas um espírito, uma mobilidade e um entusiasmo que se assemelha profundamente ao *Espírito Cavalariano*.

Para a Cavalaria são também princípios fundamentais: a vontade de vencer, a ação de conjunto e a surpresa. Porém, assim como em outras Armas, o segundo tem um valor mui elevado, na Cavalaria, entretanto, a vontade de vencer e a surpresa estão gravados na mente de todos os chefes da Arma e são as molas que os impulsionam a todo o momento. Tal fato faz com que a mentalidade que atua na Cavalaria seja distinta. Não se trata de fazer comparações; não é melhor

nem pior, é essencialmente diferente.

Tão diferente é que, muitos dos que a tem de estudar em consonância com a sua organização e à sua tática, como ocorre aos Oficiais de Estado-Maior, reconhecem a grande dificuldade que encontram para amoldarem-se às peculiaridades táticas da Arma. Não que seja mais difícil, mas, em verdade, por que deve ser encarada com outra mentalidade e com outras medidas. Até mesmo se depara um problema de escala. Todo oficial de outra Arma fica ao querer empregar a nossa, indeciso quanto aos problemas *Frente e Profundidade* e muito mais ainda no que concerne ao *Tempo*. É que os relógios andam de maneira mui diferente, e quem está acostumado a realizar tudo em forma mais ou menos metódica, não se acostuma a tomar as suas decisões rapidamente, embora pareçam demasiado esquemáticas. Por outras palavras, quem não pertence e não vive ligado a ela em corpo e espírito tende a chegar mal e tardiamente.

Este conjunto de qualidades características que necessita o pessoal da Cavalaria constitui o que em todos os Exércitos do mundo se tem chamado sempre "*Espírito Cavalariano*" e que as "*Normas Provisórias para o Emprego da Cavalaria*", tomo II (1ª parte) em seu art. 34, definem, dizendo: "firme resolução de chegar até o inimigo e dominá-lo por uma brilhante ostentação de energia, que é a essência do espírito cavalariano e que deve animar desde o soldado até o chefe de Grande Unidade".

E são estas qualidades de independência, resolução iniciativa, arrôjo e audácia que destacam o verdadeiro cavalariano. Assim, não se compreende um cavalariano preocupando-se profundamente com a segurança dos flancos. Sua rapidez, ousadia e combatividade deve surpreender as possíveis falhas ou lacunas que se apresentem.

Se quer lançar-se em ações só que ofereçam segurança e certeza de bom êxito, na verdade não se movimentaria nunca e perderia as melhores oportunidades. Claro é, en-

tretanto, que, com os seus próprios meios e com o auxílio que lhe pode oferecer, especialmente, a Aviação, não procure dar à sua ação, sem o menosprezo da rapidez, um mínimo de segurança.

A necessidade destas qualidades para o bom êxito das missões atribuídas à Cavalaria ninguém tem discutido e sempre se tem ressaltado e exigido dos Generais e todos os integrantes da Arma.

Frase épica e um tanto lírica é aquela dirigida por um General aos seus oficiais: "Se não possuis a visão da águia, a firmeza e a combatividade do leão e a rapidez do raio, apeia, não podeis pertencer ao futuro da Cavalaria".

B) Comentários

Em verdade, as missões atribuídas à Cavalaria se desenrolam comumente em largos espaços e grandes profundidades, razão pela qual, aqueles que se iniciam no estudo da tática utilizada pela Arma dos Espaços Livres sentem dificuldades para apresentar uma solução aceitável. Realmente, em geral, os processos empregados pela Cavalaria para equipar as zonas de ação em que deve operar não permitem em via de regra uma distribuição equitativa; tal fato, porém, ela supre pela aptidão que possui para a manobra.

Por outro lado, o General Fernandez, com muita propriedade, afirma que o Cavalariano deve ser dotado de um alto espírito ofensivo, pois, só assim lhe será possível enfrentar, com êxito, as missões que na guerra lhe são comumente cometidas.

IV — COMO SE PREPARA O ESPÍRITO CAVALARIANO

A) Tradução

Embora alguns já nasçam com uma mentalidade de Cavalaria, o comum é o pessoal que a ela irá pertencer necessitar de uma preparação especial que o conduza à posse de um determinado número de qualidades e virtudes. Essa preparação moral e material, não é fácil nem

rápida, e muito menos fácil de improvisar.

A preparação e instrução deve ser orientada até a obtenção de todas as qualidades e características próprias do espírito Cavalariano, e, de forma especial, aquelas que desenvolvem, nas Unidades, em maior grau a combatividade, fomentam e criam a iniciativa dos homens, aptidão para movimentarem-se com independência no terreno e, nos Comandos, confiança em si mesmos e firmeza nas suas decisões.

Como foi criado este espírito :

Tem sido trabalho de séculos. O paulatino melhoramento no cumprimento das missões características da Arma, no transcurso dos tempos e os ensinamentos das diversas campanhas recolhidos por gerações sucessivas de cavalarianos, o foram modelando e aumentando.

As modernas gerações apreenderam o espírito Cavalariano ao chegar à Arma, em parte por levá-lo consigo através do ambiente e das matérias que estudaram e, em parte, também, à medida que os alunos iam se convertendo em cavalarianos, mediante uma profunda preparação eqüestre.

A pequena luta diária para domar os desejos do cavalo, impondo a sua vontade e, inclusive, o instinto de conservação, como ocorre no galope através do campo e no salto de obstáculos, iam criando, desenvolvendo estas qualidades e modelando a formação dos futuros cavalarianos. Era o cavalo que pouco a pouco lhes ia proporcionando, ampliando e melhorando suas faculdades físicas, sua resistência, sua vista e o seu desembaraço para orientar-se e mover-se no terreno.

Mais adiante os pequenos exercícios táticos completavam suas faculdades, adestrando-lhes em conduzir, rapidamente, e com acerto os seus homens, em subtraí-los ao fogo inimigo e em obter das suas unidades o máximo de rendimento. Em uma palavra, o cavalo era seu principal elemento de instrução, o mesmo que haveria de tornar-se depois sua principal arma de guerra.

O desenvolvimento de todas as qualidades anteriormente menciona-

das contribuía para fomentar a personalidade dos indivíduos e criava nos chefes da Arma assim como em todos os seus componentes uma espécie de culto e admiração por aqueles em que essas qualidades estavam mais desenvolvidas, exaltando-se, assim, a posse de ansiadas virtudes, entre elas, a Cavalerosidade, pois, não foi em vão que o cavalo fez o homem cavaleiro, destacando-se pela nobreza, abnegação e vontade com que sempre reage contra o nobre bruto.

B) Comentários

A criação e o desenvolvimento do espírito Cavalariano é fruto inegavelmente de uma instrução adequada e objetiva. Embora os resultados obtidos dependam logicamente dos predicados próprios dos instrutores, justo é considerar que a *Instrução Objetiva* é, em última análise, o meio ponderável para a formação do verdadeiro Cavalariano.

Por tais motivos, julgamos indispensável que a seleção dos contingentes da Cavalaria deve obedecer a um cuidadoso critério, pois, do contrário, teremos Cavalarianos medíocres, sem entusiasmo e destituídos do necessário arrojo para enfrentar as delicadas missões que lhes podem ser atribuídas.

Por outro lado, é indispensável que não percam jamais o contacto com o cavalo, mesmo servindo em unidades motorizadas ou blindadas de Cavalaria. Esse contacto manterá sempre latente o *Espírito Cavalariano*, apanágio daqueles que pertencem à Arma de Cavalaria; espírito que deve ser conservado a despeito de todas as transformações e evoluções que sofra a Arma.

Assim, o Cavalariano que integra as unidades motorizadas e blindadas da Cavalaria deve, antes de tudo, considerar que o seu *Espírito Cavalariano* é imperecível e, sejam quais forem as contingências com que se defrontem, jamais deixará de agir com a *ousadia* e a *agressividade* inatas ao Cavalariano. Não importa, pois, o meio de *Transporte* e de *Combate* usado; seja o Cavalo ou o Motor, o Cavalariano atuará com

as mesmas características e conservará sempre o seu incomparável e específico Espírito.

V - PROBLEMAS CRIADOS PELA TRANSFORMAÇÃO DA CAVALARIA

A) Tradução

Não há transformações em problemas anexos.

Já vimos o que se apresenta sob o ponto de vista da preparação do Espírito da Cavalaria. Também, facto idêntico se verifica sob o ponto de vista orgânico e de instrução.

Como é natural, detemo-nos ante os nossos próprios problemas, fazendo uma ligeira revisão da situação actual. Problemas que também procuram solucionar outros Exércitos, especialmente aqueles que, como o nosso, têm possibilidades limitadas.

De nenhum modo queria que as minhas palavras fôsseis tomadas em sentido derrotista. Nada mais afastado do nosso espírito. Sômente me orienta o desejo contribuir para a maior eficiência das Unidades da nossa Arma.

Todos os problemas têm uma base orgânica. A nossa tem uma estrutura certa, embora não esteja servida por meios que se harmonizem inteiramente com essa organização.

Dos Grupos de Esquadrões que compõem os Regimentos de Dragões, o Grupo Mecanizado está, praticamente, bem organizado. Não ocorre o mesmo com o Grupo Blindado, que conta na totalidade dos regimentos com um material que não se adapta por suas características ao conceito da Arma.

Certamente, deve-se dotar os Regimentos de Dragões de automecânicas, carros ligeiros e médios. Trata-se, evidentemente, de um grande problema, porém, nem por isso digno de ser enfrentado e solucionado.

Considerando o emprêgo normal das Unidades de Cavalaria, de acôrdo com o que preconiza os regulamentos, a constituição dos Grupos de Combate, resultando ordinariamente da combinação de elementos mecanizados e blindados, a ausência dos últimos faz com que o adestra-

mento dos comandos e da tropa se faça de uma maneira um tanto precária, com repercussões naturais e o perigo de que tiram uns e outros conclusões errôneas sôbre as possibilidades e forma de combate da Arma.

Evidentemente o estudo teórico e o emprêgo de material simulado, têm certo interêsse, porém, nunca pode substituir o emprêgo do material prôpriamente dito, com especialidade em se tratando de um material de instrução altamente especializado.

A solução dêstes problemas está quase inteiramente ligada e subordinada aos meios que se possui. Para chegar à meta desejada com a máxima economia, permitindo uma instrução eficaz, poder-se-ia dotar as Unidades, inicialmente, de uma secção de cada um dos tipos dos elementos que compõem os esquadrões dos grupos blindados, o que permitiria realizar a instrução adequadamente e, até mesmo, alguns exercícios de pequenas unidades. Em uma segunda fase, dotar-se-iam os Regimentos com o total de meios, sem o que não se chegaria a constituir as Unidades eficientes de que necessita a Arma.

B) Comentários

A transformação sofrida pela Cavalaria espanhola apresentou problemas semelhantes aos que se verificaram com a Cavalaria brasileira. A associação de elementos hipomóveis, motorizados e mecanizados base estrutural da actual organização da nossa Cavalaria, não podia deixar de trazer uma série de problemas. Todavia, justo é considerar que a actual organização das grandes unidades de Cavalaria (DC) atende, de maneira satisfatória, às possíveis intervenções da Arma em caso de guerra.

Assim, existindo, como existe na DC, dois nítidos e diversificados agrupamentos de força, um hipomóvel e outro motomecanizado, acha-se o comando dessa G.U. credenciado para operar em largas e profundas zonas de acção, dotadas de precárias rédes rodoviárias e a despeito das difíceis condições atmosféricas.

Lógico, entretanto, é considerar que o emprêgo de uma G.U. mista como é nossa DC está a exigir do Comando, sobretudo, e da Tropa em particular, um elevado espírito de *Iniciativa* e de *Decisão*. Por outro lado, o Comando pode realizar no curso de manobras projetadas, uma série de combinações de emprêgo de *Meios*, tirando dos mesmos todo o partido das suas características próprias.

A nosso ver, a atual organização dada à *Cavalaria Brasileira* satisfaz plenamente. Todavia, justo é considerar que a complexidade e as características técnicas dos *Meios* utilizados, exigem que os *Quadros da Arma* sejam possuidores de uma instrução altamente especializada, fato que implica, necessariamente, numa instrução técnica adequada, a par de uma instrução tática sobremodo delicada.

ÚLTIMAS NOVIDADES DA EDITORA VECCHI

	Cr\$
Confissões de um Menino "Bonzinho" — Eduardo Zamacois.....	30,00
Rôlha de Cristal — Maurice Leblanc.....	30,00
Bomba Atômica do Bom Humor — Garblass.....	30,00
Mistério Após uma Noite de Farra — Maurice Leblanc.....	30,00
Bazar de Ritmos — J. G. de Araujo Jorge.....	50,00
Maria Stuart — Alexandre Dumas.....	30,00
Fonte dos Desejos — Vargas Vila.....	40,00
Meu Prisioneiro — Luciana Peverelli.....	20,00
Enigma dos Três Olhos — Maurice Leblanc.....	30,00
Amor Impossível — Greta Granor.....	20,00

*Em tôdas as livrarias, ou na Casa Editôra Vecchi Ltda.,
Rua do Resende n. 144 — D.F.*

Enviamos catálogos grátis

CASACOS DE PELE

Fabricação própria

ESTOLAS — CAPAS — BOLEROS E CASACOS DE PELES

Peles importadas da França e Inglaterra. Oficina especializada em reforma e consertos. Reformam-se casacos de peles para lindas capas ou estolas

AVENIDA 13 DE MAIO, 23 — 19º AND. — SALAS 1.902-1.915 — TEL.: 32-0305
— EDIFÍCIO DARKE — (Próximo ao Largo da Carioca)